

2. JOANA DE FLANDRES

Libreto de Salvador de Mendonça.

Primeira representação: Rio de Janeiro, Teatro Lírico Fluminense, 15 de setembro de 1863.

A ação decorre em Lille, em 1225. O velho Conde Balduino, senhor das Flandres partiu com os cruzados para a Terra Santa, deixando sua filha Joana como regente. Esta, diante da demora do pai em voltar, quer ser proclamada efetivamente rainha. O **primeiro ato** passa-se na cripta do castelo, onde Joana mandou erguer um túmulo ao pai, como se este já estivesse morto. Entram conjurados a favor do Conde Balduino e contra Joana. O chefe dos conjurados, Huberto, afirma ter visto um misterioso cavaleiro, no qual reconheceu o Conde Balduino. A notícia enche os conjurados de júbilo e todos juram defender o conde deposto.

Transfere-se a cena para uma sala do palácio, com sacadas dando para uma praça. Ouve-se, fora, o ruído do povo em tumulto. Entra Joana, alvoroçada, lendo um pergaminho onde lhe dizem que deve fugir, mas ela jura vingar-se, procurando conservar o trono que usurpara ao pai. Chega seu fiel Burg acompanhado de cavaleiros franceses que tomam o seu partido. Seu amante, Raul, que também chega, declara que seria melhor tudo confessar, deixando o trono a quem de direito; mas ela o seduz com novos enleios, prometendo-lhe casamento: ele cede, embora a contragosto.

Estamos, agora, na sala do trono, ricamente adornada. Damas e cavaleiros franceses comentam alegremente as bodas de Joana e Raul. Entram cavaleiros flamengos, que se colocam no lado oposto ao dos franceses, perguntando uns aos outros a razão daquela convocação. Entra Joana revestida de todas as insígnias reais. Senta-se no trono e faz sentar-se à sua direita Raul, também revestido de iguais insígnias, menos a coroa. Margarida, irmã mais moça de Joana, senta-se à sua esquerda. Damas da corte, de pé, colocam-se logo atrás de Margarida. Reis d'armas, arautos, escudeiros ficam de pé, à direita. Os flamengos, com Huberto à frente, esbravejam a sua indignação, vendo o aventureiro Raul, consorte da rainha, ao seu lado, junto ao trono, enquanto os franceses rejubilam. Raul é proclamado conde, enquanto Huberto revela toda a sua indignação por ter Joana usurpado o trono e desposado um aventureiro. Entra na sala um peregrino, no qual Margarida reconhece o pai, e logo, tanto os flamengos como os franceses aclamam o conde Balduino seu chefe e senhor. Joana e Raul tentam desmascará-lo, injuriando-o, e Huberto declara que vai apelar para o rei de França a que faça justiça em favor de Balduino.

Segundo ato. Sala interior do palácio, hora do crepúsculo. Raul sente remorsos pela sua cumplicidade no crime da rainha Joana e repele o oferecimento para pôr-se à testa das tropas contra Balduino.

Transfere-se a cena para um claustro em ruínas, nos arredores de Lille. Margarida, disfarçada, vem ao encontro de amigos de seu pai. Chega Huberto e os cavalheiros flamengos, que lastimam a triste sorte de Balduino, que no momento está se batendo com as tropas de sua própria filha. Um mensageiro traz a notícia da derrota de Balduino. Margarida desespera-se, enquanto surge Joana num carro de triunfo, seguida de numeroso séquito, com Balduino acorrentado. Margarida, horrorizada, reconhece o pai. Huberto e os flamengos juram vingança.

Terceiro ato. Masmorra nos subterrâneos do palácio, fracamente iluminada por uma lâmpada. Balduino, acorrentado e deitado sobre palhas, pensa na sua desventura, quando chega Margarida tentando consolá-lo. Abraçam-se e logo ouvem passos: uma luz brilha no fundo da cena. É Joana que aparece, vestida de preto e trazendo na mão uma tocha. Margarida oculta-se atrás de uma coluna. Joana vem com intenções sinistras: pede ao pai que lhe ceda a coroa. Balduino, exausto, está para ceder assinando um documento de renúncia ao trono, quando Margarida acode, impedindo-o de o fazer. Joana, tresloucada e furiosa, faz-lhes escutar um rumor de martelos: são os algozes que armam o cadafalso no pátio da prisão. Balduino amaldiçoa sua indigna filha e Margarida desfalece em seus braços.

O quarto ato faz-nos voltar à sala do trono, na qual, sentada a uma mesa, Joana escreve a sentença de morte de seu pai. Entra Raul, pensativo e soturno, e quando a esposa indaga da razão de sua tristeza, ele pede-lhe clemência para Balduino. Joana nega. Raul insulta-a e foge, quando Burg entra apressado, perguntando-lhe o que deseja. Joana entrega-lhe um punhal e dá-lhe ordem de perseguir e matar Raul.

Logo em seguida, entra Margarida para também lhe pedir que poupe a vida do pai; porém, Joana se mostra inflexível. Ouve-se a banda marcial que deveria acompanhar o condenado ao cadafalso. Joana leva Margarida à janela para que ela também veja o cortejo fúnebre, mas ambas recuam, uma gritando o seu júbilo e outra a sua raiva impotente, pois o cortejo que passa leva Balduino em triunfo, carregado por seus partidários que o proclamam novamente soberano das Flandres. No mesmo instante, Raul entra, pálido e muito desfigurado, mostrando à Joana o punhal que ela havia dado a Burg para que o assassinasse. Joana e Margarida imploram clemência, porém Raul, tresloucado, não ouve os rogos das duas irmãs e apunhala Joana, que cai ferida. Abrem-se as portas e Balduino entra com Huberto e os cavalheiros flamengos e o povo, que o aclamam. Joana agoniza amparada por sua irmã Margarida, enquanto Balduino se compadece do triste fim de sua filha e de sua própria sorte. Joana morre e ele volta-se para Raul com a intenção de puni-lo, mas este apanha o punhal do chão e mata-se. Todos lastimam o cruel destino que levou a este dia fatal.